

RESENHAS

BIGIO, Elias dos Santos. Linhas Telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930). Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003.

Leandro Mendes Rocha

Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

O livro de Elias Bigio relaciona a história da política indigenista com as regiões fronteiriças e remete-nos a várias questões de ordem política e institucional, entre as quais destaca-se a questão dos chamados aparelhos repressivos do Estado, representados pelas Forças Armadas, encarregadas, em última instância, por "zelar pela segurança das fronteiras políticas do Estado". Com efeito, a relação entre os militares, os índios e as fronteiras é uma constante na história do

Brasil, devido, entre outros aspectos, à atribuição institucional dos militares e à freqüente superposição entre as regiões onde se localizam alguns dos povos indígenas do Brasil e os limites internacionais das fronteiras geopolíticas do país. O período abordado é muito rico, uma vez que é no início do regime republicano, quando o Estado-Nação emergente se separa da Igreja, que melhor se delineia a relação entre militares – como agentes diretos e planejadores do Estado –, índios e fronteiras políticas. Nesse momento histórico as Forças Armadas irão substituir a Igreja nas tarefas de "nacionalização" do índio. Inicialmente, são os engenheiros militares - entre os quais se inclui Rondon, o herói criador do SPI –, os ocupantes dos principais postos da recém-criada agência estatal de índios, os

"bandeirantes modernos". Analisando estas questões, Bigio pretende demonstrar que, no cerne da implantação das linhas telegráficas em Mato Grosso, foi forjada uma política indigenista na qual a atuação de Rondon na incorporação dos territórios e populações indígenas foi utilizada como referência. O livro está organizado em quatro capítulos: o primeiro apresenta uma contextualização da instalação das linhas telegráficas em Mato Grosso com a implantação da República, o segundo analisa a articulação política de Rondon, em nível local e em nível federal, para garantir a viabilização da construção das linhas telegráficas e a implantação do Serviço de Proteção aos Índios. No terceiro capítulo o autor analisa contribuição e a atuação de Rondon e seus colaboradores na fundação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, que é apresentado como um órgão ao mesmo tempo de "ação civilizadora" e como organismo militar que ajudava a assegurar a segurança das fronteiras do Brasil. Finalmente, no quarto capítulo o autor discute a ação das Comissões das Linhas Telegráficas e do Serviço de Proteção aos Índios no

processo de incorporação dos territórios e integração das populações indígenas à sociedade brasileira. Um dos pontos fortes do livro é o fato de o autor ter se utilizado de uma vasta documentação de arquivos, que incluem desde os relatórios encaminhados por Rondon ao Ministério da Guerra e da Viação, relatórios ministeriais e relatórios de presidentes de província até simples cartas a políticos e amigos no Rio de Janeiro ou mesmo em Mato Grosso. Para a realização do trabalho Bigio realizou pesquisas em diversos arquivos, bibliotecas e Centros de Documentação. Dos documentos de arquivos, destacam-se aqueles provenientes dos arquivos públicos do Mato Grosso, do Museu Goeldi em Belém do Pará, do Arquivo Histórico Clara Galvão da Fundação Nacional do Índio em Brasília. Das Bibliotecas e Centros de Documentação, destaca-se a utilização de fontes documentais existentes na biblioteca do Ministério da Agricultura em Brasília e na vasta documentação do SPI microfilmada pelo Museu do Índio no Rio de Janeiro. Nessa exaustiva pesquisa documental, o autor teve a oportunidade de consultar também jornais da

época, como "O paíz", "O Estado de São Paulo", "Jornal do Comércio", "A cruz", "A razão" assim como as publicações do Apostolado Positivista.

O autor articula com bastante pertinência em sua análise acerca do processo de instalação da República, em que as elites políticas no poder trazem consigo claro projeto de incorporação dos índios e de controle dos seus territórios. Enfatiza ainda a especificidade do Mato Grosso em que, pela sua condição fronteiriça, baixa densidade demográfica e falta de comunicações, há uma ênfase no incentivo da migração e da dinamização de meios de comunicação e transportes. A construção de Linhas Telegráficas e de estradas de ferro é vista como respostas do Estado às demandas pelo "progresso" por parte das elites regionais. Neste sentido, Rondon é apresentado como uma dos artífices dessas políticas e, como esse importante personagem histórico, alicerçado nos pressupostos positivistas de Augusto Conte, propõe uma ação indigenista para "integrar" os indígenas à sociedade brasileira.

Bigio em seu livro apresenta as diferentes dimensões da ação do

Estado brasileiro junto às regiões de fronteira, com ênfase no Mato Grosso. Aborda de forma equilibrada aquele que é hoje considerado um dos heróis fundadores do Brasil: Candido Mariano da Silva Rondon. "Desconstruir" os discursos por e sobre Rondon sem cair em maniqueísmos ou reducionismos é uma tarefa difícil, mas que foi muito bem equacionada no presente livro. Para os historiadores, sempre foi muito difícil discutir a questão do papel do indivíduo na história. Durante décadas, a história política ficou em segundo plano justamente pelo medo que havia de que, ao se tratar dos indivíduos, governos e suas ações, fossem taxados de "positivistas", de fazedores de uma história menor, *événementielle* ou como se dizia no Brasil, "factual". Mas não é esse o caso do livro de Bigio. Neste trabalho, o autor explorou com maestria as articulações políticas, as alianças, os apoios, as estratégias de Rondon junto às elites políticas da época, condição para o sucesso de suas ações políticas e indigenistas.

Este é um autêntico trabalho de história política, não no sentido tradicional em que esta se confunde com a história dos heróis

e das ações heróicas do Estado, da luta pelo poder e sua conquista, mas no sentido dado por René Rémond (*Pour une histoire politique*, éditions du seuil, 1988), isto é, através de uma análise crítica da ação do Estado, colocando em relevo questões como os mecanismos de intervenção estatal na região de Mato Grosso em uma análise em que as relações entre a política e a economia não são apresentadas como tendo um senso único, em que os interesses das elites locais, suas alianças muitas vezes interferem diretamente nas ações dos poderes públicos. Enfim, uma análise que busca compreender aspectos importantes para a história brasileira do início da República como: a questão da localização dos trabalhadores nacionais, a "nacionalização do índio" como condição para o "progresso" do país e o aumento da presença do Estado sobre o território brasileiro. Trabalhos como este afastam definitivamente a história política das acusações de que a mesma se interessava mais pelas minorias privilegiadas e negligenciava o povo, as massas. Se há uma minoria que está sendo resgatada como objeto da história não é aquela formada pelos privilegiados, mas,

bem ao contrário, os indígenas, muitas vezes desprivilegiados, algumas vezes propositadamente esquecidos.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. Aldeamento do Carretão segundo seus herdeiros tapuios. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003.

André Raimundo Ferreira Ramos
Indigenista e Historiador

Muito se tem escrito nos últimos anos sobre a história oral e sua metodologia, na tentativa de singrar caminhos que desvendem a memória e a importância especial que esta adquire para uma abordagem histórica mais inquietante e mais inclusiva. A princípio a palavra inclusiva pode parecer ultrapassada, *démodé*, por lembrar temas de décadas passadas quando nas ciências humanas, falava-se em "dar voz aos excluídos", e as preocupações acadêmicas não eram esgotadas nos embates colecionistas de títulos e pontuações. Nos dias de hoje, esta palavra adquiriu quase efeitos milagrosos, estando presente em todas as cartilhas de políticas sociais de diferentes

matizes. A despeito disto, em um país em que o letramento e os registros escritos sempre foram privilégios de uma casta ungida de poderes quase divinos, cada vez mais as fontes orais mostram o enorme potencial de descobertas e de evidências históricas a serem desvendadas, especialmente acerca daqueles que não tiveram suas vozes e representações registradas nas letras da história conhecida.

Na história oral, a vasta bibliografia existente busca, também, algumas vezes, apontar meios para sensibilizar, respeitar e envolver o entrevistado, visando a obter os melhores resultados nas entrevistas, tarefas estas extremamente árduas de se aprender. Geralmente as entrevistas, como as demais fontes da história, submetidas à metodologia apropriada, são objetos de análises e interpretações por parte dos pesquisadores.

Mas eis que surge esse *Aldeamento do Carretão segundo seus herdeiros tapuios*, de Rita Heloísa de Almeida, como a nos revelar, nas falas de seus entrevistados, tudo que a teoria produziu e que na maioria das vezes fica encoberto pela dificuldade de

acesso às entrevistas e ao contato com o mundo real, aquele que só a experiência empírica tem o privilégio de encontrar. É como materializar, através dos meandros da memória, alguns dos tratados mais balizados nas discussões sobre história oral da atualidade.

Para começo de conversa, é um livro que não tem a pretensão de analisar ou interpretar uma realidade histórica a partir das falas dos entrevistados. E esse fato não constitui uma limitação, pelo contrário, é um grande mérito. Por que as riquezas das falas registradas pelo apuro da sensibilidade de Rita conduzem o leitor pela história poética e dura dos tapuios de Carretão, certamente levando-o a interpretações e conclusões inquietantes.

Raros são os trabalhos publicados com esse formato, com apresentação de entrevistas na íntegra alinhavando a colcha de retalhos que constitui a memória, fugidia, traiçoeira, surpreendente.

A obra apresenta outros méritos consideráveis, deixando-nos surpresos pela capacidade de revelar a riqueza da memória dos tapuios de Carretão quando, em muitas falas, a exemplo daquela do

Sr. Simeão em que narra acontecimentos relacionados à origem das terras do antigo aldeamento, nos remete a fatos de várias gerações atrás, e a acontecimentos presentes na história escrita dos documentos, convencionalmente por muitos como a verdadeira. Neste e em outros momentos é como dêssemos de encontro com o fenômeno da memória herdada, como se alguém apontasse o dedo sobre as palavras ditas pelo entrevistado: “olha aí, ó! Aqui está o que Pollack escreveu”. Para Michel Pollack (1989), a memória herdada é passada de gerações a gerações e está no cerne da afirmação da identidade social e cultural de um grupo.

Outra surpresa que encontramos em *Aldeamento do Carretão segundo seus herdeiros tapuios*, é como se naquele momento não existisse a ameaça do desaparecimento do narrador tradicional, sucumbindo sobre a hegemonia da comunicação de massa, conforme prognosticou Walter Benjamin (1983), para nossa vã civilização ocidental. São tão pródigos os narradores, tão fluidas as falas e as imagens que vão se construindo que, além da capacidade da autora de garimpá-las e fazê-las fluir, nos proporciona

a descoberta da existência de uma baliza nativa, coletiva, inconsciente, que dá nitidez e coerência a esse mundo dos tapuios.

Assim, por horas, conduzidos pela fala das mulheres, mergulhamos nos sertões dos cerrados, com seus relacionamentos interétnicos, suas festas e comilanças, e de um tempo em que os índios ainda saíam de suas aldeias no Araguaia e perambulavam alheios aos arames e ao cerco das fazendas que se estabeleciam. Alistair Thomson (1997), revendo teorias e discussões anteriores, escreveu em sua teoria das reminiscências que só temos capacidade de lembrar daquilo que nos marca e é significativo para nossas vidas, sendo a memória um esquadrinhamento fragmentado de lembranças. Mas para dar a elas consistência, é necessário o reconhecimento do narrador, ele fala e é reconhecido por todos, legitimado em seu papel, e frui em suas falas imagens identificadas na memória coletiva, mesmo quando embotadas pelo tempo e pelos espaços comunitários de conversas devorados pelos meios de comunicação. É algo que se cola na mente quando ouvimos os narradores tapuios. Aqui ler é quase como se ouvíssemos.

É assim. Neste livro, além da possibilidade para o encontro com a poesia das falas dos tapuios, é possível dialogar com a teoria da história oral pelas revelações que as falas nos trazem. É essencial registrar que provavelmente o mérito mais sublime e significativo é que a pesquisa realizada por Rita naqueles idos dos anos de 1980 constituiu a referência principal para o reconhecimento oficial e demarcação da terra dos tapuios de

Carretão, e que o livro realizado neste formato, com entrevistas na íntegra, além de nos oferecer ensinamentos sobre como conduzir com sensibilidade e bons resultados um trabalho de entrevista, proporciona aos indígenas o acesso aos conhecimentos registrados em suas falas, possibilitando rever coisas ditas, o revigoramento da memória e da identidade.